

No pulso que bombeia afetividade

“Tenha Cuidado! É o Meu Coração”, de Mayk Ricardo, monitora o corpo negro por um sistema de atravessamentos

Por Leidson Ferraz
Crítico convidado

Foi como um convite para se adentrar em algo muito especial. “Tenha Cuidado! É o Meu Coração”, solo performativo de Mayk Ricardo no trânsito entra a dança e o teatro, com dramaturgia e direção dele e de Anna Cláudia Magalhães, provavelmente gerou muito estranhamento nos seus primeiros momentos, mas, com o desenrolar das cenas, foi nos dando pistas de que dois temas fundamentais estavam em pauta: resistência e afeto. A questão maior é que tratava-se de um corpo negro em foco e uma série de outras camadas, de aspectos sociopolíticos, de identidade racial e aceitação em comunidade, estão ali engendradas. O espetáculo, em sua terceira récita transmutável desde a estreia em novembro de 2024, foi apresentado no Teatro Municipal Nelson Castro, compondo a programação do FIT Rio Preto 2025.

“Como no início as pessoas são convidadas a subir ao palco para observar os elementos que vou utilizar, costumo ficcionalizar que elas estão dentro do meu coração. Assim eu abro a minha intimidade e procuro pensar no que eu me apego para seguir em frente”, me disse o artista numa conversa. Nessa espécie de visitação à sua memória emocional, informações, imagens, ruídos e movimentos nos chegam a todo momento. Ao som de um bater de coração e de um aparelho que monitora sinais vitais, em forma textual projetada começamos por saber detalhes do número ideal de batimentos desse órgão muscular, sua capacidade de bombear litros de sangue para todo o corpo humano e quantos corações de pessoas negras param pelas duras imposições dessa vida. Não por acaso Mayk carrega um fardo de uma ponta a outra do palco.

Entre fluxos e contrafluxos, construções e desconstruções, repetições e quebras, o performer mostra suas mãos em evidência (mais à frente ainda mais empretecidas pelo carvão derramado no linóleo branco), tenta comunicar-se, valida sua negritude, mas transborda inquietudes, opressões, violências. Sem pudor de exhibir-se nu, das trocas de roupa chega a ser animalesco, imponente sobre a própria sombra. A malha que veste (criação de Wilma Drag) faz o seu corpo parecer fatiado, pronto à comercialização, mas confessa não fetichizar-se na erotização esperada. Permite-se ser diva, questionando padrões de masculinidade impostos. Expõe rótulos, apelidos, xingamentos. Sempre sorrindo, tenta ser apenas Mayk, mesmo com desconfianças, dúvidas e desejos. Também não quer esquecer os seus. Resiste pela força ancestral deles.

Além de projetar imagens do avô que finalmente foi conhecer o mar, sua mãe, Rosmeire (55 anos), e sua avó, Dona Maria (85 anos), sobem ao palco para vesti-lo como um sobrevivente do afeto disposto a continuar. “Negro também é filho de Deus”, entoa a única música cantada. Por sinal, toda a trilha sonora é um destaque à parte, pois quase não há linha melódica. Os inúmeros sons dissonantes - parte feitos ao vivo, gravados e ecoados por um sintetizador manipulado pelo próprio artista - são marcados pelo pulso contínuo, como um bit cardíaco, mas que também padece de arritmias, numa edição caprichada e ousada de Victor Silveira e Leandro Figueiredo, que molda o trabalho com perfeição. Isso sem contar a preciosa luz de Reni Trombi numa paleta de cores de forte presença individual a cada trecho. Cercado por procedimentos assim, Mayk Ricardo nos bombeia com um rito de força política e afetiva, tendo o amor como cicatrizante das relações.

Julho/2025